

Soluções para a crise

A anedota é mexicana, mas pode muito bem ser aplicada à atual realidade brasileira. Segundo alguns **experts**, há apenas duas soluções para solucionar o problema de nossa dívida externa: uma é a solução científico-racional; a outra é a saída milagrosa. A primeira consiste em intensificar um extenso programa de penitência e jejuns e aguardar que um dia, de preferência um domingo, em pleno meio-dia, Nossa Senhora da Aparecida desça dos céus, acenando com um cheque visado de 80 bilhões de dólares, com o que limparíamos nosso nome verde e amarelo do cadastro negro dos devedores internacionais. A segunda hipótese seria a saída milagrosa, ou seja, convencer o povo brasileiro a trabalhar para resgatar o sinistro **pendura**.

A piada é sintomática, pois reflete bem a perplexidade em que vivemos diante da crise que nos ameaça descambar no caos. Dizia Ariano Suassuna, escritor e dramaturgo e hoje criador de bode no sertão nordestino, que as frases mais verdadeiras a nosso respeito são, em geral, pronunciadas em tom de pilhéria ou ironia. E não terá sido outra a intenção do João em Cleveland, ao usar a imagem da jamanta para exprimir o que sentiu ao receber as suas recentes pontes de safena. A imagem não tem mais originalidade. Mas, pela sua contundência, retomo-a para adaptá-la à nossa brutal realidade: parece que uma jamanta está passando sobre o Brasil. Com efeito, de outra maneira não podemos explicar o clima de filme de terror que se apodera do País. E, enquanto ela rola, a jamanta, muita gente, como que respirando fogo, começa a se assanhar e contorcer-se ao ritmo alucinante de um samba de crioulo doido. Há um descompasso geral e ninguém acerta o passo, vibrando uns em ondas médias e outros em frequência modulada. A nação parece um carrossel gigante, girando desesperadamente sem poder parar. Ou, para usar uma imagem ainda mais antiga, o **barco** de

Platão — o Estado — sem dúvida perdeu o leme em meio à tempestade, e a impossibilidade de comunicação entre o seu comandante e a tripulação o está levando a rumos desconcertados. E, o mais grave, é que ninguém parece se dar conta das perspectivas de motins que, ante o perigo já incontornável, começam a aumentar a cada dia e, em muitos pontos, já começam a se manifestar, o que só virá beneficiar os profissionais da baderna. O certo, porém, é que o navio está à deriva e é preciso que o piloto coordene, com sensatez e inteligência, a ação dos marinheiros, para que possa manter o barco sob controle e desembaraçar-se da fúria dos elementos conflagrados. Esta imagem também não é nova, mas o bom uso do lugar comum, que se baseia na experiência, é aconselhável, quando as inovações falham ou se tornam artificiais ou inviáveis. Caso contrário — e é o que é mais provável — restam-nos apenas as duas soluções acima mencionadas.

E não há como fugir. A jamanta vem aí, braba. A falta de quem aponte uma saída válida, de quem pelo menos trace o mapa das ilhas com os caminhos para um porto seguro, divido-me com o povo em orações. No Sul, recorro a Nossa Senhora da Aparecida; no Nordeste, valho-me de meu padrinho Padre Cícero na esperança de que eles operem o milagre, já que a tróica econômica não tem revelado suficiente competência aqui na terra, nem dispõe de nenhum prestígio lá no Alto, de vez que o céu é um instituição séria.

De resto, me parece que a solução ainda mais viável é mesmo a racional e científica, pois somos um povo mais de fé do que de trabalho; mais de olhar os lírios do campo do que de tecer e fiar. E, pobres, nos vestimos de ricos, com toda a pompa, quais novos salomões. Que o diga as dimensões de nossa obesa dívida externa.

Valhei-nos santinha da Aparecida.